

John M. Lipski

## Os primeiros contatos afro-portugueses: implicações para a expansão da língua

### 1 Introdução

Os primeiros contatos lingüísticos afroibéricos provêm das explorações portuguesas do século XV. Para a segunda metade do século XV as naveas portuguesas tinham alcançado a Costa do Oro; em 1483 os exploradores portugueses chegaram no Reino do Congo. Pouco tempo depois chegaram a Portugal os primeiros escravos pretos e desde a segunda metade do século XV até o século XIX a figura do africano que lutava para aprender a língua portuguesa aparece nos textos literários, folclóricos e musicais em Portugal e no Brasil. Esta linguagem pidginizada, conhecida como *língua de preto* o *fala da guiné* era as vezes uma grotesca paródia dos esforços do aprendiz de adquirir uma língua estrangeira baixo condições desfavoráveis. Todas as imitações são de autores brancos, muitos dos quais tinham poucos contatos com os africanos *bozais* (falantes do português como segunda língua). Apesar deste elemento de exagero racista os primeiros textos afroportugueses contêm elementos verídicos, que surgem também nas línguas crioulas de base arolusitana, no português dos *musseques* ou bairros populares das cidades de Angola, no português de Moçambique e na linguagem vernacular brasileira. Portanto é de muita utilidade uma reconstrução dos primeiros pidgins afroportugueses vistos como precursores das modalidades afroportuguesas contemporâneas. As perguntas que emergem dos primeiros contatos afroportugueses são:

- (1) Quais são os elementos autênticos nas imitações da linguagem arolusitana?
- (2) Quais destes elementos sobreviveram para formar parte das línguas crioulas de base portuguesa?
- (3) Pôde existir num tempo, em Lisboa e outras cidades de Portugal e ainda no Brasil, uma variedade etnolingüística “preta” falada como língua nativa pelos africanos nascidos em terras de expressão portuguesa?
- (4) As variedades vernaculares do português brasileiro, moçambicano e angolano contêm elementos herdados diretamente dos primeiros pidgins afroportugueses?

É impossível oferecer uma resposta completa a estas perguntas na base dos dados existentes, mas podemos aportar umas observações preliminares.

### 2 Principais traços comuns das línguas africanas em contato com o português

Desde os primeiros momentos o português estava em contato com uma grande variedade de línguas da África ocidental, das famílias atlântica, mande, kwa-benue e da enorme família lingüística bantú. Estas línguas são muito diversas entre si, e geralmente não predominava uma língua particular nos agrupamentos de escravos. Pelo tanto é difícil postular uma influência direta duma língua africana em particular sobre o português. Neste sentido os primeiros pidgins afroportugueses são diferentes por exemplo do português de Moçambique (Gonçalves e Chimbutane, este livro), em contato com várias línguas regionais, e o português popular de Angola (Inverno, este livro), onde podemos observar a influência do kimbundu e as vezes do kikongo, sobre tudo no período colonial. Ainda a linguagem popular brasileira mostra a presença das línguas africanas da região do Congo, sobre tudo o kikongo e o kimbundu. Contudo existem uns denominadores comuns entre quase todas as línguas africanas em contato com o português (no Brasil durante a época colonial e também nos países africanos de expressão oficial portuguesa), que possivelmente tiveram uma influência indireta na criação das variedades pidginizantes. Alguns traços são muito gerais e representam problemas sofridos por qualquer aprendiz da língua portuguesa, mas outros são verdadeiras características de área. Podemos mencionar:

- (1) Não existe flexão dos substantivos, adjetivos ni verbos por médio dos sufixos. Toda flexão verbal efetiva-se com clíticos ou partículas postostas à raiz.

(2) As raízes verbais são invariáveis. Os pronomes de sujeito—em alguns casos clíticos preverbiais—identificam a pessoa e o número do sujeito gramatical.

(3) Não existem grupos de consoantes no começo da sílaba.

(4) Poucas línguas africanas têm consoantes ao final da sílaba/palavra; é mais freqüente a sílaba aberta. Algumas línguas africanas têm consoantes oclusivas ao final das palavras (/p/, /k/, /k/, etc.) além das consoantes nasais. As consoantes /r/, /l/ e /s/ são praticamente inexistentes em posição final das palavras, igual à *fala de preto* literária.

Apesar da diversidade das línguas africanas os pidgins afroportugueses oferecem uma consistência notável que justifica uma reconstrução desta linguagem na base dos textos literários. É muito possível que estes pidgins cedos sejam precursores das variedades vernaculares de hoje, muito embora não exista uma transmissão direta desde o século XV até os tempos modernos.

### 3 Características lingüísticas dos primeiros pidgins afrolusitanos: as imitações literárias

Um pidgin é uma variedade reduzida duma língua, empregada entre falantes não nativos da língua alvo. O apêndice oferece uma lista das fontes literárias do pidgin afroportuguês desde o século XV até o XIX. Apesar da variação natural entre os textos, alguns fenômenos ocorrem com freqüência; também encontram-se nas línguas crioulas e semicrioulas afroportuguesas (por exemplo os crioulos de São Tomé, Príncipe, Annobom, o papiamentu, o palenquero e ainda o português vernáculo brasileiro):

(1) Na dimensão fonética a consoante /d/ prevocálica tem pronúncia [r]; aparecem vogais paragógicas depois das consoantes em posição final: *deus* > *dioso*, *senhor* > *sioro*, *vós* > *boso*, etc. Existem casos da simplificação /λ/ > [y]/[ž]: *mulher* > *mujere*, etc.

(2) Nos primeiros textos emprega-se o pronome (*a*) *mim* como sujeito gramatical; este traço desaparece nos textos afrohispanicos no século XVI mas persiste em Portugal pelo menos até o século XVIII:

Fernam de Silveira [texto 1]: *a min* rrey de negro estar Serra Lyoa, lonje muyto terra onde viver nos

Gil Vicente, *O clérigo de Beyra* [texto 5]: *A mi* abre oio e ve

Antônio Ribeiro Chiado, *Auto das regateiras* [texto 8]: *A mim* frugá, boso matá

“O preto, e o bugio [...]” [texto 16]: *Mim* agola sem trabaiá nom pore conté, ainda que mim ter abominaçon a captiveiro cruere de blanco

(3) Nos primeiros textos emprega-se o infinitivo (as vezes sem /r/ final) como verbo invariável em vez das formas conjugadas. A partir do século XVI é mais freqüente a terceira pessoa do singular como verbo invariável. A forma *bai/vai* substitui o verbo *ir*:

Fernam de Silveira [texto 1]: *Querer* a mym logo ver-vos como vay

Gil Vicente, *Fragoa d'amor* [texto 6]: *Mi bem* la de Tordesilha

Antônio Ribeiro Chiado, *Auto das regateiras* [texto 8]: *A mim frugá*, boso matá

(4) A partir do fim do século XVI aparece o verbo copulativo híbrido *sa/sã*, que combina as funções de *ser* e *estar*:

Gil Vicente, *O clérigo de Beyra* [texto 5]: *Ja a mi forro*, nama *sa* cativo

Sebastião Pires, *Auto da bella menina* [texto 10]: *Eu sa* negro de bosso yrmão que onte de Brasil chegou [...]

Anon. *Auto de Vicente Anes Joeira*: esse home *sa* mofina

Dum poema anônimo do século XVII [texto 13]: Isso *sa* ja prohibida

(5) Os primeiros textos afroportugueses oferecem casos dos pronomes de sujeito empregados como complemento direto, fenômeno que persiste até hoje na linguagem popular brasileira e angolana:

Gil Vicente, *O clérigo de Beyra* [texto 5]: Pois mi ha d'andar buscando, a levare *elle* na bico

Antônio Chiado, *Pratica de oito figuras* [texto 9]: Nunca voso crupa *elle*

(6) Na maioria das línguas da África ocidental a ordem das palavras preferível é Sujeito Verbo Objeto. Na família mende (as línguas mende, mandinga, vai, kpelle, bambara, etc.) a ordem principal é S-O-V. Este grupo de

línguas figurava entre os primeiros contatos luso-africanos (aparece frequentemente o nome *mandinga*) e em alguns textos observamos a orden Objeto-Verbo:

Henrique da Mota [texto 2]: [...] Vos loguo *todos chamar* [...] vos pipa nunca tapar, vos *a mym quero* pinguar [...]

(7) Na morfosintaxe vemos os primeiros casos da elisão de /s/ final de palavra só no sufixo *-mos* da primeira pessoa do plural: (Lipski 1995):

Gil Vicente, *O clérigo de Beyra* [texto 5]: nam temo comere ni migaia [...] não *vamo* paraíso

Anon. “Sã qui turo” [texto 12]: ha *cantamo y bayamo* que fosso *ficamo*

(8) A partir do século XVII vemos os primeiros casos—tanto em Portugal como em Espanha—da retenção de /s/ do plural só no primeiro elemento dos sintagmas nominais. Trata-se dos “plurais nus” que ocorrem até hoje na linguagem popular do Brasil (por exemplo o estudo de Alkimin neste livro) e de Angola (Inverno, neste livro) mas poucas vezes em Portugal (Scherre & Naro, este livro). Também existem plurais nus em algumas variedades afrohispanicas, por exemplo no Chota (Ecuador; Lipski 1986), o Chocó (Colombia; Caicedo 1992a, 1992b; Schwegler 1991) e entre a povoação de origem africana nos “Yungas” de Bolívia (Lipski 2006a, 2006b, 2007).<sup>1</sup> Os primeiros exemplos literários são:

Canção anônima “Sã qui turo” [texto 12]: Vamos a fazer *huns fessa*.<sup>1</sup>

Carta do “Rei Angola” ao “Rei Minas” [texto 14]: sabe vozo, que *nossos festa* sa Domingo, e que vozo hade vir fazer *os forgamenta*, ya vussé não falta vussé cumpadra, que *os may Zoana os fia dos may Maulicia*,

Dum poema anônimo do século 17 [texto 13]: Pógi pra qui sã *os bordão* [...]

“O preto, e o bugio [...]” [texto 16]: O trabaio a que vozo obriga *os pleto*, e *os blanco*, sã *huns trabaio* a que ninguem se pore negá sem melecé *huns cõssa* bom

Os plurais nus não resultam do contato de nenhuma língua africana específica<sup>2</sup> nem são uma consequência natural da aprendizagem do português como segunda língua. O plural nu é uma autêntica inovação que evidentemente só ocorreu como resultado do contato entre o português/o espanhol e as línguas africanas. O plural nu combina a ausência dos sufixos nominais nas línguas africanas e a indicação da pluralidade só uma vez no sintagma nominal. A configuração resultante respeita a morfologia do português acrescentando uma interpretação nova: o primeiro elemento dos plurais nus é quase sempre um determinante, reinterpretado funcionalmente como prefixo de flexão.

#### 4 Origem de (a) *mim* como pronome de sujeito

O emprego do pronome tônico de complemento *mim* em vez do pronome de sujeito *eu* merece um comentário, pois nas línguas ibero-românicas todos os pronomes de sujeito são tônicos e podem ocorrer sós, por exemplo como resposta a uma pergunta. Isto não ocorre, por exemplo no francês: o pronome *je* é um clítico que não pode aparecer isoladamente; é preciso empregar o pronome de complemento *moi*, que também aparece nas línguas crioulas de base francesa. Além disso em todos os crioulos de base afrolusitana—Cabo Verde, São Tomé, Príncipe, Annobom, Guiné Bissau, o papiamentu y posivelmente o palenquero afrocolombiano (Schwegler 2002)—o pronome de sujeito da primeira pessoa singular deriva-se de *mim* (nos crioulos afroportugueses o pronome reduz-se a uma cosoante homorgânica à consoante seguinte). Por outra parte nas línguas crioulas de base portuguesa na Ásia (Diu, Damão, Korlai, Macau, Sri Lanka, Malacca, etc.) y posivelmente no crioulo hispano-filipino conhecido como *chabacano* (Lipski 1988), o pronome de sujeito respectivo deriva-se claramente de *eu/yo*. Existe portanto uma contribuição “afro” ainda pouco conhecida na seleção dos pronomes de sujeito. Nos textos que imitam a linguagem *bozal* produzidos em Espanha e Portugal (com exceção do misterioso texto “O preto, e o bugio ambos no mato percorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brasil”) desaparece o emprego de (a) *mim* como sujeito até o final do século XVI. Num trabalho anterior (Lipski 1991) sugerimos que o uso de (a) *mim* como sujeito tem uma origem pelo menos dupla, fruto dos múltiplos contatos lingüísticos e culturais no Mediterrâneo desde os tempos medievais e

<sup>1</sup> Também ocorrem plurais nus no espanhol “fronteiriço” no norte do Uruguai (Carvalho 2006).

<sup>2</sup> Nas línguas da família bantú a pluralidade dos sintagmas nominais expressa-se por meio de prefixos enquanto que nas outras famílias lingüísticas africanas os mecanismos morfológicos são mais variados.

na África ocidental a partir do século XV. Por uma parte, ha uma contribuição da misteriosa linguagem mediterrânea conhecida como *lingua franca* ou *sabir*, documentada em várias regiões do Mediterrâneo desde o século XVI até o fim do século XIX (Collier 1976, Lang 2000, Schuchardt 1909). Só existem imitações literárias e alguns comentários de viajantes, de maneira que não temos uma ideia precisa da sua composição. Aparentemente tratava-se duma linguagem transitória dotada dum forte componente de elementos dialectais italianos. Conforme a sua localização geográfica, esta língua franca também continha elementos espanhóis, franceses, turcos, gregos, etc. Todos os navegantes e exploradores dos países do Mediterrâneo conheciam esta linguagem, que servia de modelo de comunicação básica com os povos “exóticos”. Desde os primeiros momentos a língua franca europeia empregava os pronomes *mi* e *ti* como sujeito, em vez dos pronomes italianos *io* e *tu*:

*Mi* follere canzon ‘eu quero uma canção’ {canción anónima, 1581; Collier 1976}

*mi* saber como curar a fê de Dio ‘por Deus que eu sei curar’ (Haedo 1927: v. II, 106) {1612}

*Mi* star Mufti; *ti* qui sar qui? ‘eu sou Mufti, quem és tu?’ (*Le bourgeois gentilhomme*, Molière 1882: 130){1670}

O uso de *mi* e *ti* na língua franca não provém do italiano florentino mas das línguas regionais dos impérios marítimos que dominavam o Mediterrâneo naqueles tempos: Nápoles e Veneza. Nestas línguas itálicas os pronomes derivados do latim *ego* e *tu* tinham sofrido tanta erosão fonética que a partir do século XVI—justamente o momento em que a língua franca começa a circular plenamente—foram substituídos pelos pronomes disjuntivos *mi* e *ti*. Os navegantes europeus conheciam este novo paradigma e empregavam os mesmos pronomes quando falavam com pessoas de nações estrangeiras.

O outro fator que contribuía ao emprego de (*a*) *mim* como sujeito nos crioulos afrolusitanos mas não nos crioulos portugueses na Ásia é a presença—puramente casual—numa ampla gama de línguas da África ocidental, de pronomes da primeira pessoa singular de forma (*a*) *mi*, (*e*) *mí*, etc. (às vezes com a variante *ni*): Twi, Ashanti, Fanti, Ga, Ewe e outras línguas da antiga Costa dos Escravos tem *mi/me* como pronome do sujeito; em Temne *mi* e a variante acusativa do pronome. As variantes *ni/ne* ocorrem em Wolof, Bambara, Vai e Malinke. As línguas de Benim e Nigéria tem *mi* com variantes fortes *emi/ami*: Yoruba, Nupe, Igbo, Efik, Gbari, etc. As principais línguas de Angola e do antigo Congo português tem *ami/emi* como pronomes fortes. Schuchardt (1882: 905-907) sugeriu que o pronome *mi* nos crioulos de São Tomé e Príncipe deriva-se dos pronomes semelhantes em várias línguas africanas, enquanto que Migeod (1911: 98-99) observa que “the first word that strikes the eye is the familiar “mi” ... this familiar form of the first personal pronoun ... exists in West African languages (the languages of black men), as it does also in Aryan languages (the languages of white men)” [a primeira palavra que chama a atenção e o *mi* familiar ... esta forma familiar do pronome da primeira pessoa ... existe nas línguas da África ocidental (as línguas dos pretos) e nas línguas arianas (as línguas dos brancos)]. Os outros pronomes africanos são muito diferentes duma língua a outra e não parecem-se com os pronomes portugueses. É fácil imaginar como os primeiros exploradores portugueses na costa da África ocidental empregavam o pronome mais semelhante ao uso das línguas africanas que encontravam. Na Ásia nenhum pronome das línguas regionais tem a forma (*a*) *mim* e pelo tanto este pronome nunca enraizou-se nus crioulos portugueses de Ásia.

## 5 Origem da cópula invariável *sa/sã*

O verbo copulativo *sa* aparece nos crioulos do Golfo da Guiné (São Tomé, Príncipe, Annobom). A variante nasalizada *sã* (com a variante arcaizante *são*) também existe no crioulo de Macau, e existia uma variante nasalizada antiga para Annobom (Schuchardt 1888a: 196). No angolano o verbo homólogo é *tha*, muito provavelmente uma simples transformação fonética de *sa*. Nuns trabalhos anteriores (Lipski 1999, 2002a, 2005) sugerimos que o verbo invariável *sa/sã* provém da confluência de dois fatores. Primeiro, o português medieval continha a forma *samos* (Williams 1962: 235-6), variante dialetal de *somos* (e a outra forma analógica *semos*, existente também em espanhol). Em outras palavras, existia um paradigma “paralelo” dum verbo hipotético *sar* ou *essar*, talvez em relação analógica com o verbo *estar*, que já adquiria funções copulativas na época medieval. O corpus de textos afroportugueses e afrohispanicos dos séculos XV-XVII revela uma ampla variedade de variantes de este verbo analógico: *sa*, *sã*, *sar*, *essar*, *samos*, etc. Sabemos que os portugueses que tinham contatos lingüísticos com os

africanos e os asiáticos nos séculos XV-XVIII saíam principalmente das classes sociais inferiores e das áreas rurais de Portugal, onde abundavam as formas verbais analógicas e inovadoras.

O outro fator que contribuía à formação da cópula *sa/sã* diz respeito ao paradigma do verbo *ser* antes do século XVI. A forma latina *sedeo* > *sejo* no português antigo foi substituída por um derivado da primeira pessoa singular de *esse*: *sum* > *som* ou *sõ*, com vogal nasal. A terceira pessoa do plural tinha seguido a evolução normal: *sunt* > *som* > *sõ*, deixando como resultado uma identidade fonética entre as duas formas do verbo *ser*. A partir do século XV as vogais nasais [ã] e [õ] começavam a sua diptongação em [aõ] e a resultante confusão com o diptongo nasal [ãõ], resultado da combinação *-anu* do latim. As idênticas formas do verbo *ser* escreviam-se indiscriminadamente como *som*, *sam* e *são* e faziam rima com a antiga vogal nasal [ã].

Estes dados oferecem um modelo para a realização variável da cópula afroibérica como *sa/sã* e *são* em diferentes lugares e em distintas épocas. Podemos postular que este verbo penetrou o pidgin afroportuguês na Costa do Ouro/Costa dos Escravos da Bahia de Benim, por exemplo a citar um documento escrito pelo sacerdote Joseph de Naxara, que morava em Allada (Benim) em 1659-60 (Naxara 1672). Naxara descreve a fala pidginizante dum africano com a seguinte imitação:

Não me cheguê à èla, porque *sa* Ramera [...] è meu Pai me votarà à ò tronco, se sabe que mi falê co ela [...] è mais, que mi non quero chegar à ela, porque *sa* Ramera [...]

Da Bahia de Benim os verbos *sã* e *sa* teriam chegado a São Tomé e Príncipe e às comunidades africanas falantes do pidgin afroportuguês em Portugal. A cópula *sã*—ainda nasalizada—teria chegado a Macau em boca dos escravos pretos que povoavam todas as colônias portuguesas de Ásia. No crioulo de Macau é frequente a redução do diptongo *-aõ* a [ã]. A presença de negros africanos em Macau durou tres séculos, ou seja tudo o período formativo dos crioulos de base portuguesa (Teixeira 1976). Como testemunho da intensidade dos contatos culturais entre africanos e asiáticos, Amaro (1980) descreve uns jogos da África Occidental (e mesmo da Bahía de Benim) no folclore macaense. Eis um resumo da formação da cópula invariável *sa/sã*:

- realização da primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural de *ser* como [sã]/[sãõ] no século XV.
- confusão de *ser* e *estar* nos primeiros contatos lingüísticos afroibéricos; criação das formas híbridas (*essar*, *sar*, etc.)
- existência de *samos* como variante dialetal de *somos* em Portugal.
- interpretação das vogais e diptongos nasais como vogal nasal simples [ã] ou vogal desnasalizada [a] pelos africanos na Bahía de Benim, São Tomé e Angola.
- traslado da cópula *sa*--parcialmente integrada ao pidgin afroportuguês--desde a Costa dos Escravos/Bahía de Benim a São Tomé.
- traslado da cópula *sa/sã* desde a Bahía de Benim (e possivelmente São Tomé) até Macau, provavelmente no século XVII.

## 6 O infinitivo invariável

O emprego do infinitivo em vez dum verbo conjugado é uma característica de muitas imitações do preto *bozal* e de outros estrangeiros que aprendem o português e o espanhol. Isto é curioso porque a frequência do infinitivo nas línguas ibero-românicas é relativamente baixa frente às formas conjugadas, sobre tudo a terceira pessoa singular. É evidente portanto que os falantes nativos do português simplificavam deliberadamente a sua linguagem quando falavam com os africanos, como reflexo duma tradição europeia muito antiga (Lipski 2001, 2002b). Durante a época medieval as imitações dos estrangeiros—em Itália, França, Alemanha, Espanha e Portugal—empregavam o infinitivo em vez das formas conjugadas dos verbos. A *língua franca* ou *sabir* do Mediterrâneo—com base nas variedades dialetais de Itália—também continha infinitivos sem flexão:

Anon., Itália (ca. 1353): come ti *voler* parlare? ‘como tu queres falar?’

Gigio Giancarli, *La cingana* (ca. 1550): mi no *saber* certa ‘eu não sei com certeza’

Diego de Haedo, *Topografía e historia general de Argel* (ca. 1612): *mirar* como mi *estar* barbero bono y *saber* curar, si *estar* malato y ahora *correr* bono ‘olhe como eu sou barbeiro y sei curar, si está doente será curado’

Francisco Manuel de Melo, *Visita das fontes* (ca. 1657): Quem *pintar* senhor cristão? *Pintar* cristão ou mouro? [...] Pois [...] bem *parecer*; porque, se *pintar* mouro, *pôr* mouro a cavalo e mais de trinta Santiagos ao pé! ‘Quem pintou o cristão? Pintou o um cristão ou um mouro? Pois parece que [...] si fosse pintado por um mouro, teria posto o mouro sobre um cavalo e mais de trinta Santiagos aos pés’

Carlo Goldoni, *L'impresario delle Smirne* (1761): *star* omo, o *star* donna? ‘é homem ou é mulher?’

*Dictionnaire de la langue franque ou petit mauresque* (ca. 1830): Comme ti *star*? Mi *star* bonou, et ti? Mi *star* contento mirar per ti. ‘Como estás? Eu estou bom, e tu? Fico muito contente de te conhecer’

Para muitos observadores esta língua franca é a base para os crioulos “atlânticos” e a “língua de reconhecimento” que servia de modelo para a formação dos crioulos portugueses. É evidente que a opção do infinitivo na língua franca mediterrânea não é uma consequência natural da gramática do italiano mas de uma seleção deliberada pelos “inventores” originais do *sabir*. Schuchardt (1909: 444) e Coates (1970: 71-72) dizem respeito à seleção do infinitivo na *língua franca* que representa uma seleção deliberada a não a aprendizagem natural das línguas romances.

O infinitivo também figurava nas imitações dos soldados mercenários alemães ou *todesche* na Itália medieval (Migliorini 1966: 331):

Noi *trincare* un flasche plene “bebemos um frasco cheio”

Mi non *biver* oter vin “eu não bebo outro vinho”

As variedades pidginizantes do alemão além da linguagem infantil empregam o infinitivo sem flexão, oferecendo um modelo para o infinitivo nas variedades reduzidas do português. As imitações literárias do “mouro” em Portugal e Espanha também empregavam o infinitivo invariável (Sloman 1949):

Gil Vicente, *Cortes de Júpiter* (ca. 1520): Mi no *xaber* que exto *extar*, mi no *xaber* que exto *xer*, mi no *xaber* onde andar.

*Farsa del sacramento llamada le los lenguajes* (anon. século XVI): Mi xonior, no *estar* cristiano

Xenpre yo *estar* ben creado, mi no *hurtar*, ni *matar*, ni *hazer* otro becado

Lope de Rueda, *Armelina*: ¿Qué te *parexer*, xeñor honrado? ¿*Tenerlo* todo ben entendido?

Luis de Góngora (1615): o estrelias *mentir*, o *estar* Califã vos, chequetilio.

Os franceses também conheciam o estereotipo do estrangeiro que falava só com infinitivos. Por exemplo numa fábula medieval francesa *Roman de Reynart* uns animais que só falam inglês (a língua dos animais selvagens na opinião dos franceses) dizem em um francês pidginizado (Combarieu du Gres/Subrenat 1981: 348-9): *No saver point ton reson dire* “não sei falar a tua língua”. Emprega-se o infinitivo invariável ainda hoje nos pidgins de base italiana (Eritrea, Somalia), espanhola (Ilhas Filipinas), francesa (Costa de Marfim) e portuguesa (Angola); Schuchardt (1888b: 251-252) descreve o português pidginizante falado em Angola no século XIX, sobre tudo a tendência de empregar a terceira pessoa do singular como verbo invariável: *eu vae, eu está*, etc.

Na língua portuguesa o infinitivo invariável não é um componente frequente da linguagem infantil, a diferença do francês e das línguas germânicas, mas aparece na língua dos adultos como resultado de varios impedimentos lingüísticos e cognitivos conhecidos coletivamente como impedimento lingüístico seletivo (Lipski 2002b contem as referências). Em regra este impedimento não afeta as demais capacidades cognitivas, mas na opinião popular as pessoas que sofrem da doença compartilham os mesmos traços lingüísticos que as crianças com deficiências mentais. Visto que o infinitivo invariável figurava nas variedades lingüísticas consideradas como “infantis” ou “defeituosas”, era lógica a inserção do infinitivo na “fala de estrangeiro” o linguagem deliberadamente reduzida a um nível considerado como infantil pelos portugueses para a comunicação com os escravos e os indígenas das terras de África e Asia. A existência prévia de perifrases verbais basadas no infinitivo (por exemplo o infinitivo gerundivo como *andar/estar a* + INFINITIVO e as combinações *estar por, estar pera*) contribuía à formação dum novo sistema verbal nas línguas crioulas surgidas a raiz dos contatos entre europeus e raças subordinadas.

## 7 Ausência da partícula *ta* e as primeiras mostras de *estar (a) + infinitivo*

Os primeiros textos afroportugueses também são importantes pela ausência de configurações que posteriormente aparecem nas línguas crioulas de base afroportuguesa. Em particular nunca aparece a partícula preverbal *ta* em combinação com verbos invariáveis derivados do infinitivo, configuração típica das línguas crioulas. A partícula

aspetual *ta* existe em todos os crioulos de base portuguesa e espanhola com exceção dos crioulos de São Tomé, Príncipe e Annobom, embora tenha valores semânticos muito diversos nestas línguas. A construção *ta* + VERBO INVARIÁVEL (uma forma do verbo derivado quase sempre do infinitivo) faz pensar que a origem desta combinação é a perífrase progressiva *estar a* + INFINITIVO do português europeio contemporâneo: *estou a trabalhar*, etc. (Lipski 1992). Naro (1978: 342) propõe que a partícula *ta* formou-se no século XVI no pidgin afrolusitano conhecido como “linguagem de reconhecimento”. Apesar destas afirmações, os textos literários da *fala de preto* dos séculos XV-XVIII não contêm um só exemplo da combinação *ta* + INFINITIVO, embora os crioulos indoportugueses foram formados no século XVI e os crioulos afrolusitanos no começo do século XVII. Os textos literários só apresentam verbos mal conjugados e muitos casos do infinitivo invariável.

Na língua portuguesa dos séculos XVI-XVII o verbo auxiliar *estar* ainda combinava-se com o gerúndio (*está trabalhando*) e as vezes com as preposições *pera* (*para*) e *por* + INFINITIVO. Era mais freqüente a combinação *andar* + INFINITIVO mas o gerúndio era a forma preferida pelo menos nos textos literários. A combinação “moderna” do infinitivo gerundivo *estar a* + INFINITIVO aparece por primeira vez nos textos literários do século XIX, ao lado do gerúndio tradicional. Apesar da ausência notável do infinitivo gerundivo nos documentos literários anteriores ao século XIX a linguagem popular favorecia o infinitivo gerundivo desde a época medieval. Por exemplo no texto de *A demanda do Santo Graal* (Magne 1970: 81; fl. 117, cap. 352) encontramos: “Quando aquêles que estavam a ouvir êste conto entenderom que aquel era Erec, filho de rei Lac [...]”. De Camões temos (Lund 1980: 66): “... aonde então estava vizitar a el Rey a Evora”. De Gil Vicente (*Floresta de enganos*): “Hi está elle a peneirar, e elle mesmo ha damassar, porque a negra he co marido”. Nesta mesma obra um homem branco que pretende passar por mulher preta fala com a linguagem pidginizada da *fala de preto* e emprega só o infinitivo invariável e *estar* com o gerúndio: “Que cosa estar vos hablando?” Esta obra é duma importância extraordinária pois revela que a combinação *estar a* + INFINITIVO ainda não formava parte do pidgin afrolusitano estereotipado mas pertencia à linguagem “normal” dos brancos; os pretos *bozais* ainda preferiam os infinitivos invariáveis e os verbos conjugados na terceira pessoa do singular: *a mi llama*, etc. Maller (1972: 267) diz respeito aos diálogos nas peças populares portuguesas no final do século XVIII: “Ao todo, vinte casos de infinitivo gerundivo sobre um total de exatamente 200 exemplos de construções perifrásticas à base *estar* ou *andar* – se contei bem – quer dizer, não mais de 10% nesses materiais que devem ser olhados como uma amostra bem representativa do diálogo popular do final do século XVIII.” Maller também afirma que “a construção perifrástica com *andar*, em primeiro lugar, mas também com *estar* + *a* + INFINITIVO, começa a penetrar, ainda que muito raramente ainda, na língua escrita do século XVI”.

Como dado de muita importância aparecem varias combinações de *estar* + INFINITIVO nuns poemas anónimos dos primeiros anos do século XVII que imitam a *fala de preto* (texto 13):

pois toro *estamo* amorte *a pediro* ...  
...os fia sempre *está a fazero* ...

Estes poemas representam o único exemplo do infinitivo gerundivo atribuído ao pidgin português dos escravos pretos, e documentam a presença desta construção na fala dos grupos marginais muito antes de ser aceiteada pela língua literária. Barbosa (1999) encontrou exemplos do infinitivo gerundivo em documentos oficiais de Portugal e Brasil das últimas décadas do século XVIII, e adverte:

Vale ressaltar que o registro do infinitivo gerundivo, apesar de raro, remonta à fase arcaica da língua portuguesa [...] Se a forma *infinitivo gerundivo* se generalizou na sociedade portuguesa de tal forma que, hoje, se apresenta como um dos contrastes mais contundentes da variante europeia da língua portuguesa face à brasileira, é provável que ela não estivesse sofrendo restrições de ordem social [...] O estigma de *popular*, portanto, não deveria estar sendo aplicado àquela época a essa variante.

Como exemplo contemporâneo da erosão fonética que pode produzir a estrutura verbal *ta* + INFINITIVO nos crioulos de base portuguesa citamos o português dos *musseques* (bairros populares) de Angola, onde a primeira sílaba de *estar* desaparece na linguagem vernacular. Eis uns exemplos literários:

Mas *tá passá* gente perto {Viriato da Cruz, "Makèzu" (Ferreira 1976: 164-165)}  
O porícia *tá vir!* {Rebello de Andrade, "Encosta a cabecinha e chora" (Andrade 1961)}  
Dominga *tá ver* eles [...] E Dominga num *tá querêr* [...] E Dominga num *tá repará* nesses confusao todo [...] Que vucê *tá fazer?* [...] Ma Dominga *tá ficar* co medo [...] {Chachat Osório, "Aiué" (Andrade 1961)}

parece é *tá dormir* ainda {José Luandino Vieira, *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1980)}

Postulamos os seguintes fatores como explicação da combinação *ta* + INFINITIVOS nos crioulos de base portuguesa:

- O emprego do infinitivo invariável das línguas romances desde tempos medievais como representação da fala dos estrangeiros indesejáveis e inferiores e também como estragema para falar com os estrangeiros e na língua franca ou *sabir* do Mediterrâneo.
- emprego do infinitivo não flexionado na linguagem infantil de muitas línguas romances e germânicas e também na linguagem das pessoas que sofrem dos impedimentos lingüísticos.
- A variante na língua portuguesa—existente desde a época medieval—*estar a* + INFINITIVO em vez do gerúndio para as construções progressivas.
- A tendência nas variedades pidginizantes do português de empregar a terceira pessoa do singular como verbo invariável.
- A preferência nos pidgins por uma sintaxe reduzida sem componente de flexão; a combinação já existente *estar (a)* + INFINITIVO oferecia um modelo ideal para os falantes dos pidgins de base portuguesa visto que contém duas formas verbais sem flexão que podem se transformar num paradigma inovador.
- A erosão fonética do infinitivo, o gerúndio e o verbo *estar* praticada pelos aprendizes da língua portuguesa em África, Ásia, América e mesmo em Portugal nos primeiros anos de contatos lingüísticos arolusitanos.

## 8 Outros traços dos (semi)crioulos que no aparecem nos primeiros pidgins

Não encontramos nos textos afroportugueses dos séculos XV-XIX exemplos da negação dupla, combinação freqüente na linguagem vernacular brasileira e angolana, e também no português de Moçambique, São Tomé e Príncipe. No caso de Brasil, Angola e o Golfo da Guiné é muito provável uma contribuição do kikongo, língua da família bantú que emprega a negação dupla da mesma forma que o português vernacular de estos países. Uns exemplos africanos:

Angola: Mas agora *não* pode, *não*. {Eduardo Teófilo, “Uma poça de água”; César 1969b: 466}

Moçambique: *N’ho* vai hoje, *n’ho* (Mendes 1981: 111)

São Tomé e Príncipe: Fernando Reis, “Maiá” (César 1969a: 305-327): Sô Silvino com ele *não* brinca, *não*!

No português vernacular brasileiro e as vezes em Angola apresenta-se também a negação posposta: *sei não, tem não*, etc. Parece que esta configuração resulta da redução de negação dupla na fala rápida informal.

No português vernacular brasileiro e angolana são freqüentes as perguntas “in situ”, é dizer sem a anteposição da palavra interrogativa: *você mora onde? Vavó, vamos comer é o quê?* Esta configuração responde à sintaxe do kimbundu e outras línguas angolanas; também encontra-se no crioulo português Macau, como reflexo da sintaxe da língua cantonesa. Não há exemplos de perguntas in situ nos primeiros textos afroportugueses.

## 9 Resumo: os pidgins afroportugueses como precursor dos (semi)crioulos

O quadro seguinte resume as semelhanças e as diferenças entre os primeiros pidgins afroportugueses e as línguas crioulas e semicrioulas de base portuguesa. Vemos que os traços mais alheios ao português falado como língua nativa—(*a*) *mim* como sujeito e a cópula invariável *sa/sã*—ficaram fossilizados nas línguas crioulas de formação mais cedo. As características típicas da aquisição do português como segunda língua—por exemplo o emprego do infinitivo ou terceira pessoa singular como verbo invariável—encontram-se ainda hoje nas variedades semicrioulas do português—em Brasil, Angola, Moçambique, etc. Por conseguinte os primeiros pidgins afroportugueses além de serem fenômenos transitórios forneceram o semente para a formação de variedades lingüísticas estáveis algumas de cujas características têm afetado a expansão e a evolução da língua portuguesa durante pelo menos tres séculos.

TRAÇO	PRIMEIROS PIDGINS AFROPORTUGUESES	CRIoulos DE BASE PORTUGUESA	PORTUGUÊS VERNACULAR -BRASIL	PORTUGUÊS VERNACULAR-ANGOLA
-------	-----------------------------------	-----------------------------	------------------------------	-----------------------------

<b>sujeito (a) mim</b>	sim	Cabo Verde, Golfo da Guiné, papiamentu	não	não
<b>cópula invariável sa/sã</b>	sim	Golfo da Guiné, Macau	não	não
<b>plurais “nus”</b>	sim	não	sim	sim
<b>infinitivo invariável</b>	sim	sim	não	as vezes
<b>verbo invariável 3ª pessoa singular</b>	sim	sim	para 1ª pessoa plural, 3ª pessoa plural	sim
<b>pronomes de sujeito como complemento</b>	sim	sim	sim	sim
<b>negação dupla</b>	não	Golfo da Guiné	sim	sim
<b>negação posposta</b>	não	Palenquero, Príncipe	sim	as vezes
<b>verbo invariável ta + infinitivo</b>	alguns casos <i>estar (a) + infinitivo</i>	sim	sim	alguns casos de <i>(es)tá + infinitivo</i>
<b>perguntas <i>in situ</i></b>	nenhum exemplo	Golfo da Guiné, Macau, Korlai	sim	sim

## Bibliografia

- Alkmim, Tania (este livro): “Itinerários lingüísticos de africanos e seus descendentes no Brasil do século XIX”.
- Amaro, Ana Maria (1980): “Um jogo africano de Macau: a chonca”, em: Macau: Separata do N° 1 da *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL*.
- Andrade, G. de (1961): *Contos d’Africa, antologia de contos angolanos*. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro.
- Barbosa, Afranio Gonçalves (1999): *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro: Universidade Federal de Rio de Janeiro (Tese de Doutorado, inédita).
- Caicedo, Miguel (1992a): *Poesía popular chocoana*. Bogotá: Departamento de Publicaciones de Colcultura.
- \_\_\_\_\_ (1992b): *El castellano en el Chocó (500 años)*. Medellín: Editorial Lealon.
- Carvalho, Ana Maria (2006): “Nominal number marking in a variety of Spanish in contact with Portuguese”, em: Klee, Carol & Face, Timothy (eds.), *Papers of the 8<sup>th</sup> Hispanic Linguistics Symposium and 7<sup>th</sup> Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese as First and Second Languages*. Sommerville, MA: Cascadilla Press, 154-166.
- César, Amândio (1969a): *Contos portugueses do ultramar*, vol. I. Porto: Portucalense.
- \_\_\_\_\_ (1969b): *Contos portugueses do ultramar*, vol. II. Porto: Portucalense.
- Coates, William (1971): “The Lingua Franca”, em: Ingemann, Frances (ed.): *Papers from the fifth annual Kansas Linguistics Conference*. Lawrence: University of Kansas, Linguistics Department, 25-34.
- Coelho, Adolfo (1967): “Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Asia e América”, em: Morais-Barbosa, Jorge (ed.): *Estudos lingüísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1-233.
- Collier, Barbara (1976): “On the origins of Lingua Franca”, em: *Journal of Creole Studies* 1, 281-298.
- Combarieu du Gres, Micheline de/Subrenat, Jean (eds. e trad.) (1981): *Le Roman de Renart*, ed. bilingüe. Paris: Union Générale d’Editions.
- Ferreira, Manuel (ed.) (1976): *No reino de Caliban: antologia panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova.
- Gonçalves, Perpetua/Chimbutane, Feliciano (este livro): “Assimetrias da mudança lingüística em situação de contacto de línguas: o caso do português e das línguas bantu em Moçambique”.
- Haedo, Diego de (1927): *Topografía e historia general de Argel*. Madrid: Sociedad de Bibliófilos Españoles.
- Hatherly, Ana (ed.) (1990): *Poemas em língua de preto dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Quimera.
- Inverno, Liliana (este livro): “A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal”.

- Lang, George (2000): *Entwisted tongues: comparative creole literatures*. Amsterdam e Atlanta: Rodopi.
- Lipski, John (1986): “Lingüística afroecuatorial: el valle del Chota”, em: *Anuario de Lingüística Hispánica* (Valladolid) 2, 153-76.
- Lipski, John (1988): “Philippine creole Spanish: reassessing the Portuguese element”, em: *Zeitschrift für romanische Philologie* 104, 25-45.
- \_\_\_\_\_ (1991): “On the emergence of (*a*) *mi* as subject in Afro-Iberian pidgins and creoles”, em: Harris-Northall, Ray/Cravens, Thomas (eds.): *Linguistic studies in medieval Spanish*. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 39-61.
- \_\_\_\_\_ (1992): “Origin and development of *ta* in Afro-Hispanic creoles”, em: Byrne, Francis/Holm, John (eds.): *Atlantic meets Pacific: a global view of pidginization and creolization*. Amsterdam: John Benjamins, 217-231.
- \_\_\_\_\_ (1995): “Literary ‘Africanized’ Spanish as a research tool: dating consonant reduction”, em: *Romance Philology* 49, 130-167.
- \_\_\_\_\_ (1999): “Evolución de los verbos copulativos en el español *bozal*”, em: Zimmermann, Klaus (ed.): *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt: Vervuert, 145-176.
- \_\_\_\_\_ (2001): “On the source of the infinitive in Romance-derived pidgins and creoles”, *Comunicação na Society for Pidgin and Creole Linguistics*, Washington, D. C. (inédito).
- \_\_\_\_\_ (2002a): “Génesis y evolución de la cópula en los criollos afro-ibéricos”, em: Moñino, Yves/Schwegler, Armin (eds.): *Palenque, Cartagena y Afro-Caribe: historia y lengua*. Tübingen: Niemeyer, 65-101.
- \_\_\_\_\_ (2002b): “‘Partial’ Spanish: strategies of pidginization and simplification (from Lingua Franca to ‘Gringo Lingo’)”, em: Wiltshire, Caroline/Camps, Joaquim (eds.): *Romance phonology and variation*. Amsterdam: John Benjamins, 117-143.
- \_\_\_\_\_ (2005): *A history of Afro-Hispanic language: five centuries and five continents*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (2006a): “Afro-Bolivian Spanish and Helvécia Portuguese: semi-creole parallels”, em: *Papia* 16, 96-116.
- \_\_\_\_\_ (2006b): “El dialecto afroyungueño de Bolivia: en busca de las raíces el habla afrohispanica”, em: *Revista Internacional de Lingüística Hispanoamericana* 3, 137-166.
- \_\_\_\_\_ (2007): “Afro-Yungueño speech: the long-lost ‘black Spanish’”, em: *Spanish in Context* 4, 1-43.
- Lund, Christopher (1980): *Anedotas portuguesas e memórias biográficas da corte quinhentista*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Magne, Augusto (ed.) (1970): *A demanda do Santo Graal*, vol. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.
- Maler, Bertil (1972): “L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation”, em: *Stockholm Studies in Modern Philology* 4, 250-268.
- Migeod, Frederick (1911): *The languages of West Africa*, vol. II. Londres: K. Paul, Trench, Trubner & Co.
- Mendes, Orlando (1981): *Portagem*. Maputo: Edições 70.
- Migliorini, Bruno (1966): *Storia della lingua italiana*. Florência: Sansoni.
- Molière {Jean-Baptiste de Poquelin}(1882): *Oeuvres complètes de Molière*, tome sixième. Paris: L. Hébert, Libraire-Éditeur.
- Moniz, Antonio Francisco (1925): “The Negroes and St. Benedict's feast”, em: *In the mission field: the diocese of Damaun*. Bombay: E. G. Pearson at the Times Press, 567-572.
- Naro, Anthony (1978): “A study on the origins of pidginization”, em: *Language* 45, 314-347.
- Naxara, Joseph de (1672): *Espejo mystico en que el hombre interior se mira practicamente ilustrado para los conocimientos de Dios*. Madrid: Colegio Imperial de Compañía de Jesús (Madrid, Biblioteca Nacional ms. 3/63664).
- Scherre, Maria Marta Pereira & Naro, Anthony Julius (este livro): “Sobre as origens estruturais do português brasileiro: o garimpo continua”.
- Schuchardt, Hugo (1882): „Kreolische Studien I: ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika)”, em: *Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* 101, 889-917.

- \_\_\_\_\_ (1883a): “Kreolische Studien III: ueber das Indoportugiesische von Diu”, em: *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* 103, 3-18.
- \_\_\_\_\_ (1883b): “Kreolische Studien VI: ueber das Indoportugiesischen von mangalore”, em: *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* 105, 881-904.
- \_\_\_\_\_ (1888a): “Kreolische Studien VII. Ueber das Negerportugiesische von Annobom”, em: *Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien* 116, 1, 193-226.
- \_\_\_\_\_ (1888b): “Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch I: Allgemeineres über das Negerportugiesische”, em: *Zeitschrift für romanische Philologie* 12, 242-254.
- \_\_\_\_\_ (1909): “Die Lingua Franca”, em: *Zeitschrift für romanische Philologie*, 33, 441-461.
- Schwegler, Armin (1991): “El español del Chocó”, em: *América Negra* 2, 85-119.
- \_\_\_\_\_ (2002): “On the African origins of Palenquero subject pronouns”, em: *Diachronica* 19, 2, 273-332.
- Silva Neto, Serafim (1963): *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 2ª ed.
- Sloman, Albert (1949): “The phonology of Moorish jargon in the works of early Spanish dramatists and Lope de Vega”, em: *Modern Language Review* 44, 207-217.
- Teixeira, Manuel (1976): “O comércio de escravos em Macau”, em: *Boletim do Instituto Luís de Camões* (Macau), 10, 1-2, 5-21.
- Tinhorão, José Ramos (1988): *Os negros em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Vieira, José Luandino (1980): *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Editora Atica.
- Williams, Edwin (1962): *From Latin to Portuguese*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2ª ed.

**Apêndice: textos que oferecem exemplos dos primeiros pidgins afrolusitanos (os textos e as referências encontram-se em Lipski (2005))**

1. Fernam de Silveira, poema no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende
2. Henrique da Mota, poema no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende
3. “De dom Rrodriguio de Monssanto a Loureço de Faria de maneira que mandaua a hæ seu escravoę curasse hæa sua mula”, no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende
4. Symão de Sousa, poema no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende
5. Gil Vicente, *O clérigo de Beyra*
6. Gil Vicente, *Fragoa d'amor*
7. Gil Vicente, *Nao d'amores*
8. Antônio Chiado, *Auto das regateiras*
9. Antônio Chiado, *Pratica de oito figuras*
10. Sebastião Pires, *Auto da bella menina*
11. Anon. *Auto de Vicente Anes Joeira*
12. Anon. “Sã aqui turo” (1647) (canção)
13. Seis poemas anônimos dos séculos XVII e XVIII (Hatherly 1990)
14. Anon. Carta do “Rei Angola” ao “Rei Minas” em 1730 (Tinhorão 1988: 191)
15. Anon., “Plonostico culioso, e lunario pala os anno de 1819” (Tinhorão 1988: 215)
16. Anon., “O preto, e o bugio ambos no mato discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brazil” (1789; Coelho 1967: 73-4)
17. Fragmento afrobrasileiro (Silva Neto 1963: 40)
18. Canção afroportuesa de Damão, Índia (Moniz 1925):
19. Canção afroportuesa de Diu, Índia (Schuchardt 1883a: 13)
20. Canção afroportuesa de Mangalore, Índia (Schuchardt 1883b: 11-12)